

## EM TORNO DO VOCÁBULO DA MANDIOCA: SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DE UM CAMPO CONCEITUAL

Maria Angélica Nogueira Pimentel FONSECA \*

---

*RESUMO:* Neste artigo estuda-se o vocabulário utilizado pelos lavradores, referente à cultura da mandioca. Baseia-se numa pesquisa dialetológica, realizada no Município de Cândido Mota, São Paulo, um dos maiores produtores de mandioca do Brasil. O vocabulário refere-se ao preparo da terra e da rama, ao plantio e à colheita.

*UNITERMOS:* Mandioca; vocabulário; campo conceitual; dialetologia.

---

### INTRODUÇÃO

Ao estudar-se uma atividade de determinada região — o cultivo da mandioca, por exemplo — penetra-se numa parte do universo cultural do povo que a habita. A via de acesso a esse universo é a língua, que o reflete por meio de vocábulos e expressões. O vocabulário relativo a tal atividade prende-se às raízes culturais do grupo social: à sua história, às suas lendas e tradições, a seu saber acumulado ao longo de gerações.

De novembro de 1981 a janeiro de 1982, realizei, no município de Cândido Mota, São Paulo, um inquérito lingüístico junto a lavradores que se dedicam ao cultivo da mandioca. Este artigo dá conta de uma parte dessa pesquisa.

O levantamento, organização e apresentação do material baseiam-se nas orientações teóricas de Paiva Boléo (2, 3), de Zdeněk Hampejs (12), de Nelson Rossi (16), bem como nos trabalhos práticos sobre a cultura da vinha (6), a da cana-de-

açúcar, (5, 11), sobre o vocabulário do carro de boi (17), do cavalo (18), e no artigo de Serafina T. B. do Amaral (1).

Os questionários foram aplicados, durante as entrevistas com os lavradores, em seus sítios. As palavras foram registradas tal como percebidas, no momento da entrevista sem preocupação com a grafia corrente, conforme aconselha Serafim da Silva Neto (*apud* 12, p. 20, n. 54).

Com base em duas entrevistas prévias, feitas com L.O., informante principal, foi organizado um questionário inicial de cinquenta perguntas sobre o preparo do solo, tipos de mandioca, rama, plantação, colheita. Depois de entrevistar novos informantes, percebeu-se a necessidade de inclusão de perguntas a respeito da armação da carpideira e da carroça. Foram acrescentadas mais trinta e três perguntas que abrangem: a) — A Mandioca: preparo do solo; tipos de mandioca e seus subprodutos; a rama; o plantio; a planta: desenvolvimento e cuidados; a colheita. b) — Instrumentos de trabalho:

---

\* Departamento de Lingüística e Língua Portuguesa — Instituto de Letras, História e Psicologia — UNESP — 19.800 — Assis — SP.

ferramentas, o arado e equipamentos do animal de tração. c) — A carroça: meio para transportar a rama ou a mandioca\*.

Este artigo limita-se ao item I do inquérito e apresenta as seguintes etapas: 1 — caracterização do lugar; 2 — dados sobre os informantes; 3 — algumas características da variedade lingüística dos informantes; 4 — a cultura da mandioca; 5 — glossário dos termos especificamente ligados à cultura da mandioca.

### 1. O Município

Cândido Mota, sede do Município, é uma próspera cidade da Média Sorocabana, situada no Vale do Paranapanema. Conta com 12.971 habitantes na área urbana e com 6.833 na zona rural\*\*, distribuídos pelos distritos de Frutal do Campo, Santo Antônio do Paranapanema e Alexandria.

O Município, todo ele de férteis terras roxas, cobre uma área de cinquenta e oito mil hectares\*\*\* e situa-se numa região colonizada entre os anos de 1881 e 1920 (18). Desse total, vinte e cinco mil alqueires\*\*\*\* são ocupados por plantações de trigo, soja, mandioca, amendoim, milho, arroz, cana, café, algodão. As três primeiras ocupam a maior extensão. Observa-se que a soja e o trigo cobrem mais ou menos a mesma área, uma vez que é comum constituírem lavouras consorciadas.

A área rural é predominantemente formada por pequenas propriedades, cultivadas pelos próprios proprietários e suas famílias. É exíguo o número de arrendatários\*\*\*\*.

### 2. Os informantes

Dentre esses lavradores, que vivem do amanhã de suas próprias terras, dez

foram tomados como informantes, todos do sexo masculino pois, embora mulheres e crianças também participem desse trabalho, os dados pesquisados poderiam ser menos completos, devido ao seu comportamento arreado e reticente, provavelmente determinado pela própria condição imposta pela estrutura social.

Os informantes nasceram e sempre viveram na região de Cândido Mota. Suas idades variam entre 30 a 74 anos, assim distribuídas: quatro informantes de 30 a 40 anos; três de cinquenta a sessenta anos; dois com mais de sessenta, e um com setenta e quatro anos.

Seis dos informantes são analfabetos e quatro, semi-analfabetos (os da faixa de 30 a 40 anos). Dentre eles, cumpre destacar L.O., informante principal, pelo seu interesse, vivacidade e espírito de colaboração.

### 3. Variedade lingüística da região

Como esta pesquisa está voltada para o registro do vocabulário relativo à mandioca, serão dadas apenas informações sumárias colhidas como matéria subsidiária à pesquisa e referentes a certas peculiaridades fonéticas e morfológicas.

O que chama logo a atenção do observador, é que os habitantes de Cândido Mota se dizem *Candomotenses* pois são de *Cando-Mota*. A haplologia é um fenômeno generalizado na língua, mas bastante diluído. Na região em que se faz este estudo, tal fenômeno se destaca, pela justificada freqüência com que as expressões são usadas, e que parecem contaminar outros sintagmas como *mandiocatarinense* por *mandioca catarinense*, *sorvê de coco* por *sorvete de coco*.

---

\* Só depois de concluído o trabalho é que tive conhecimento do questionário sobre a cultura da mandioca, inserido no *Atlas Lingüístico da Paraíba* de Maria do Socorro da Silva.

\*\* Cf. censo de 80.

\*\*\* Fonte: Prefeitura Municipal.

\*\*\*\* Fonte: Sindicato dos Proprietários Rurais de Cândido Mota

Principalmente na posição final de sílaba interna, predomina o *r* retroflexo ou *caipira* (*carpi*, *carpideira*). Nas terminações de infinitivo, o *r* é invariavelmente obliterado: *fazê*, *coiê*, etc, por *fazer*, *colher*.

O *l* só é articulado com nitidez, quando é intervocálico. Em final de sílaba ou nos encontros consonantais, dá-se o rotacismo (*arquer*, *prantá*, etc. por *alqueire*, *plantar*). Nesse dialeto observa-se a iodização de [λ], como em *coiê*, *foia*, por *colher*, *folha*.

A constrictiva [s] tende a um som palatalizado: *nachê* por *nascer*, *chítio* por *sítio*, *rocha* por *roça*, *paxto* por *pasto*, etc. ou não é pronunciada em certas palavras como *memo* por *mesmo*, *trei* por *três*.

Na organização das frases, percebe-se que os verbos se apresentam com duas formas: a primeira pessoa do singular (*eu pranto*) e a outra corresponde às demais pessoas (*ele pranta*, *nóis pranta*, *eles pranta*). O morfema de plural, no sintagma nominal, não é redundante; em geral, a marca de plural só aparece no artigo (*as mandioca mansa*).

#### 4. A cultura da mandioca

Segundo Câmara Cascudo, Caminha e os primeiros cronistas quando descreveram uma certa raiz equivocaram-se ao dar-lhe o nome de *inhame*. Para o A., tratava-se da mandioca, uma vez que o inhame só posteriormente foi introduzido no Brasil, vindo de Cabo Verde (9, p. 82). Ele levanta a hipótese de que a mandioca teria aparecido originariamente na bacia amazônica, cultivada pelos aruacas, difundida no litoral pelos tupis e no interior por outras tribos (9, *passim*).

Trata-se de uma cultura ainda hoje muito disseminada por várias razões: pela facilidade de trato e adaptação a vários tipos de solo, e por produzir a farinha, conhecida como *de guerra* ou *farinha de pau*, popularmente considerada como fonte de força e resistência desde os primeiros colonos (9, p. 94). Sobre sua importância na alimentação atual do povo, afirma Eloísa de Carvalho:

A farinha de mandioca tem sido e continua a ser a base da alimentação de grande proporção de brasileiros, como foi outrora a companheira inseparável do gentio — a farinha de guerra — no seu perene nomadismo pelo interior do continente. (8, p. 157).

O cultivo da mandioca, em Cândido Mota, data do povoamento da região. Sua produção aumentou à medida que se intensificou sua industrialização, em fins da década de trinta. As primeiras indústrias surgiram em 1935/36\*. Hoje perfazem um total de onze entre indústrias de farinha e amido (tipo de ração para animais). Atualmente, a farinha, sobretudo, é comercializada só no mercado interno, nos grandes centros (Brasília, São Paulo, Rio).

Segundo os informantes, há dois tipos de mandioca: a *mandioca brava* (para eles é a catarinense), que é consumida sob a forma de farinha, e a *mandioca mansa* (para eles, as demais variedades) que se consome frita, em sopas, massas de bolos, pão, nhoque, etc.\*\*

As tradicionais técnicas caseiras de produzir o *polvilho*, a *farinha d'água*, o *amido*, desapareceram e, com elas, os utensílios utilizados para o seu fabrico. O próprio *biscoito de polvilho*, tradicional-

\* Fonte: Prefeitura Municipal de Cândido Mota.

\*\* "A mandioca cultivada entre nós pertence a dois tipos já bem conhecidos, o das mandiocas bravas ou venenosas (*Manihot utilissima* Pohl), e o das mandiocas mansas (*Manihot dulcis* Gmel) vulgarmente conhecidas como aipim ou macaxera. A mandioca brava ou venenosa é aquela da qual se faz a farinha, depois de retirado o "veneno", isto é, o ácido cianídrico, enquanto a variedade aipim é a usualmente consumida após o processo de cozimento". (Eloísa de Carvalho, 7, p. 207).

mente feito em casa, é hoje industrializado.

A mandioca, nessa região, é, geralmente, plantada nas partes altas, nas *terras menos fortes* ou *médias*, como dizem os informantes. A terra começa a ser preparada para o plantio, geralmente a partir de junho. Limpado o terreno, a terra é tombada por arado, carpideira (de tração animal) ou por trator. O sulco, onde vai ser plantada a rama, é feito com o riscador (bico que se coloca na armação de carpideira). Se a lavoura é extensa, ou o lavrador compra o trator que ele mesmo opera (entre os dez informantes, apenas um possui trator), ou contrata os serviços de tombamento\*, e gradação de alguns proprietários de trator.

A *rama*, *muda* ou *semente* da mandioca começa a ser preparada a partir do mês de abril com a caída das folhas (da *ramada*, da *galhada*), em fins do outono. Com o *folhão*, o lavrador corta a rama (o caule) um palmo acima da terra até as *forquilhas*. Essa rama é transportada por carroça ou pelo lavrador que a leva enfiada às costas, até o local destinado, onde permanece empilhada como lenha, coberta de capim ou de palha de arroz até o plantio. A cobertura a protege contra o sol ou a geada.

No fim do inverno (entre julho e setembro), *riscada* a terra, isto é, feito o sulco com o *riscador*, a rama é levada ao campo de plantio, onde é picada. No ato de picar, o lavrador tem que observar se a rama está sadia e deve cortar pedaços que tenham de três a cinco olhinhos, para a brota. Transportadas em jacás ou sacos amarrados à cintura, a rama picada é jogada num risco de 10 a 15 cm de profundidade, a uma distância de 50 a 70 cm uma da outra (marcada pelo passo). Enquanto

um grupo pica a rama, outro a joga no risco, outro vem atrás e, com o pé, cobre a rama de terra. Técnica simples, que, segundo os informantes, é a que dá melhor rendimento. Entretanto, ela só é possível em pequenas propriedades. A carpideira com chapa ou o trator podem fazer esse trabalho mas *pisam a terra e estragam a plantação*.

Depois de dez a quinze dias, saem os brotinhos, geralmente três (fase da *brotta*). A partir de dez meses a mandioca está boa para ser colhida, mas só alcança seu melhor rendimento, entre dezoito e vinte e quatro meses.

Durante o desenvolvimento das plantas, ocorrem as *carpas* (fase de *limpa*), geralmente três, em que o mato é removido com a chapa da carpideira, passando pela *rua*, e, com a enxada, junto aos pés. Nesse período costumam aparecer as pragas; mandarová, chamado também *bigato* na área pesquisada; a *broca* é uma doença conhecida como *água morna*.

Antes da *arrancação*, que, como se disse, ocorre, vinte e quatro meses após o plantio, a rama é roçada (cortada) e guardada para o novo plantio. Os pés são então arrancados, manualmente e transportados para os locais em que formarão as *bandeiras*. Aí, com o *folhão*, a mandioca é *destocada* ou *despincada* e amontoada, formando as *bandeiras*, de onde caminhões a transportam até as fábricas.

Na época do plantio e da *arrancação* os lavradores continuam *trocar dias de serviço* entre parentes e vizinhos; não se usa o termo *mutirão*.

##### 5. Glossário\*\*

Água morna\*\* s.f. Doença que, no verão, ataca o mandiocal; murcheira.

---

\* Os dicionários consultados não registram *tombar*, *tombamento* na acepção de *lavar a terra, revolvê-la*, comumente usados em diferentes regiões de São Paulo (Cf. 10 e 13).

\*\* Os verbetes serão acompanhados de um asterisco para as palavras dicionarizadas com o mesmo significado encontrado na pesquisa; com dois, para as dicionarizadas com significado diferente; com três, as palavras não registradas nos dicionários consultados.

- As folhas murcham, caem e o pé de mandioca seca.
- Amarelinha\*\*** (*maréinha*) — adj. ou subst. Variedade de mandioca *mansa*, de cor amarela ou que se torna amarela depois de cozida. Há dois tipos: de rama verde e de rama amarela.
- Amido\*** (*amidu*) — s.m. Resíduo branco obtido com a decantação da água com que se lava a massa da mandioca, depois de esta ter permanecido imersa durante 5 a 8 dias. Na região pesquisada só é utilizado para ração de animais.
- Aradura\*\*** (*aiadura, alhadura*) — s.f. Nome dado ao pedaço de rama que se destina ao plantio.
- Arder\*** (*ardê*) — v. intrans. perder-se a rama, estragar, tornando-se imprestável para o plantio.
- Ardida\*** — Participio de arder: rama ardida.
- Arrancação\*\*\*** — s.f. Ato de arrancar a mandioca.
- Azular\*\*** (*azulá*) — v. intr. Diz-se que a mandioca azulou quando, depois de ficar alguns dias na bandeira, deteriora-se tomando uma cor azulada.
- Bandeira\*** (*bandera*) — s.f. Monte de mandioca, feito no campo, pronta para ser transportada para as fábricas.
- Barba de mandioca\*** — s.f. Radicelas que se formam na mandioca; raizinhas.
- Bigato\*\*\*** — s.m. Nome dado a lagartas que atacam as folhas, a rama de mandioca. Provavelmente do it. *bigatto*, nome com que, em algumas regiões da Itália, se designa o bicho da seda (19).
- Biju\*\*** — s.m. Farinha de mandioca torrada.
- Birro\*\*** — s.m. Qualquer pedaço de rama, seja destinado ao plantio ou não.
- Brava\*** (*braba*) — adj. Usado geralmente para caracterizar a mandioca venenosa e que só serve para a farinha. Na região pesquisada, a variedade correspondente à mandioca braba é a santa-catarina; as demais espécies são conhecidas como mandioca mansa. Os adjs. *bravo/manso* também formam sintagma com o subst. terra: *terra brava* — terreno coberto de mato ou difícil de limpar; *terra mansa* — terreno fácil de limpar ou já limpo.
- Broca\*** — s.f. Larva que ataca a rama e/ou a raiz da mandioca.
- Brocada\*** — adj. Diz-se da rama ou da raiz atacada pela broca.
- Brota\*\*\*** — s.f. Fase em que a planta lança rebentos.
- Carpa\*** — s.f. Ato de carpir. Um mandiocal necessita de três a cinco carpas.
- Casca\*\*** (de mandioca) — s.f. Parte branca e grossa da raiz que está entre a pele e a massa.
- Catarinense\*\*** — adj. e subst. Variedade de mandioca cujo pé cresce muito; tem poucos galhos, folhas estreitas, compridas e avermelhadas; a raiz é branca; pele mais fina do que a comum (var. a santa-catarina).
- Chuama\*\*\*** — adj. Variedade de mandioca que para alguns é procedente do Paraná; para outros, de Mato Grosso. Os informantes não souberam precisar suas características.
- Coró\*** (*curó*) — s.m. Espécie de besouro que ataca a raiz da mandioca.
- Curtir\*\*** (*curti*) — v. intr. Diz-se da rama *emetrada*, que descansa para enxugar o leite, antes de ser plantada.
- Despinicar\*** (*dispinicá*) — v. trans. Separar a mandioca do tronco.

- Destocar** (*destocá*) — v. trans. O mesmo que despincar.
- Emetrar**\*\*\* (*emetrá*) — v. trans. usado no sintagma *emetrar a rama*: empilhar, como lenha, a rama no terreno.
- Espalhar**\*\* (*espaía*) — v. trans. Espalhar a rama é o mesmo que semear, plantar. Diz-se também *esparramar*.
- Estrelar**\*\* (*estrelá*) — v. intr. Usado na expressão *a mandioca estrelô*, para significar que as ramas brotaram simultaneamente e sem falhas.
- Falhar**\* (*faiá*) — v. intr. Deixar de nascer; não vingar.
- Farinha**\* (de mandioca) — s.f. pó produzido da mandioca desmanchada (ralada, lavada e espremida), torrada e peneirada.
- Fitinha**\*\* — adj. Usado na expressão *mandioca fitinha*, variedade de mandioca de pouco desenvolvimento, poucos galhos, folhas finas e estreitas, com raiz e rama fracas e brancas.
- Forquilha** (*forquia*, *furquia*) — s.f. Parte do caule da mandioca a partir de onde começam as ramificações, geralmente três, formando a ramada.
- Garrancho**\*\* — s.m. Nome dado a uma espécie de gavião que combate o *mandorová* ou *bigato*.
- Levar um oito**\*\*\* — *Levar um oito de oito ruas, de uma quarta*, por exemplo, significa o mesmo que executar a tarefa necessária nas oito ruas ou na quarta: seja riscar, espalhar a rama, roçar ou arrancar mandioca.
- Limpa**\*\*\* — s.f. O mesmo que carpa, fase em que os lavradores carpem o terreno.
- Mandioca**\* — s.f. Designação dada: 1) à raiz (*comer mandioca, fritar mandioca*); 2) ao mandiocal (*A mandioca está bonita*); 3) a um único pé de mandioca (*Esta mandioca é tigütera*); 4) ao caule todo ou à parte dele, preparado para o plantio (*Vou plantar mandioca*); 5) às folhas da planta (*O mandorová está comendo a mandioca*); 6) ao tipo da planta (*Esta terra é boa tanto para se plantar milho, como mandioca ou aldogão*).
- Mandioca coqueiro**\*\*\* (*coquero*) — s.f. Variedade de pé de mandioca de caule alto, em cuja ponta nascem folhas, assemelhando-se a um coqueiro.
- Mandioca palmeira**\*\*\* (*parmera*) — s.f. O mesmo que mandioca coqueiro.
- Mandioca-pão**\*\*\* — s.f. Variedade de mandioca vassourinha branca, de casca rosada e folha firme. Essa qualidade fica amarela depois de cozida. O mesmo que mandioca da China ou pão-da-china.
- Mandioca rio-grandense**\*\*\* — s.f. Variedade de mandioca de casca escura, cor de terra, conhecida como vermelhinha ou roxinha do Rio Grande do Sul (var. mandioca rio-grande-do-sul).
- Mandiocal**\* — (*mandiocá, mandiocar*) — s.m. plantação de mandioca.
- Mandorová**\* (*mandruvá, mandaruvá, mandorová, mandrová* \*) — s.m. lagarta que ataca as folhas da mandioca.
- Madura**\* — adj. Mandioca madura é a mandioca que está no ponto de ser colhida.
- Maniva**\* — s.f. Pedaco de rama, muda de mandioca, *semente, birro*: rama picada que vai ser atirada ao risco e da qual nascerá um novo pé de mandioca.
- Mansa**\* — adj. Diz-se de toda variedade de mandioca não venenosa.
- Mata-fome**\* — s.f. Variedade de mandioca tipo vassourinha, de folha graúda, larga e clara.

- Medidor\*\* — s.m. Nome que se dá a várias espécies de lagartas que atacam o mandiocal; o nome vem do seu modo de caminhar; avança encolhendo-se para progredir ao esticar-se.
- Murcheira\*\*\* (*muchera*) — s.f. O mesmo que *água morna*.
- Nascer bem\*\* (*naschê bem*) — v. intr. Diz-se quando toda a mandioca plantada numa área brota ao mesmo tempo.
- Nervo\*\* (*nervu*) — s.m. Fibra no interior da mandioca, dura, resistente, que é extraída quando se faz a farinha.
- Nozinho\*\* (*nozinhu*) — s.m. Designação dos pontos da rama de onde saíam os brotos.
- Olhadura\*\* (*oiadura*) — s.f. O mesmo que nozinho.
- Olho\*\* (*ôio*) — s.m. O mesmo que nozinho (mais comumente usado no diminutivo plural *olhinhos*, pronunciado *oinhu*).
- Pão-da-China\*\*\* — s.m. O mesmo que mandioca-pão.
- Parelho\* (*pareio*) — adj. igual, uniforme. *A mandioca nasceu pareia*.
- Parelhar\*\*\* (*pareiá*) — v. intr. Derivado do adj. *parelho*: *a mandioca pareiô*, isto é, desenvolve-se por igual.
- Pau da rama\* — s.m. Diz-se da rama grossa e rija que, dentro da terra, já deu origem à nova planta.
- Pavio\*\* — s.m. O mesmo que *nervo*.
- Pele\* — s.f. Parte exterior da raiz, que fica em contacto com a terra.
- Picar\*\* (a rama) — v. trans. Preparar a rama para o plantio, cortá-la em pedaços de quinze a vinte centímetros, com três olhinhos, pelo menos.
- Querê-querê\*\* — s.m. O mesmo que medidor. É uma variante de *curu-querê*.
- Raizinha\*\* — s.f. O mesmo que barba da mandioca.
- Rama\*\* — s.f. Parte do pé da mandioca que fica fora da terra; caule que vai ser picado e aproveitado para germinar; *semente*, pedaço de *rama*; *maniva*.
- Ramada\* — s.f. Conjunto de galhos e folhas de um pé de mandioca.
- Roxinha\*\* — adj. e subst. Variedade de mandioca cujo pé cresce pouco, possui as folhas arredondadas, curtas e largas. É conhecida também como *vermelhinhas* pelo avermelhado das folhas. Tem sabor meio amargo.
- Sapé\*\* — s.m. Pontinhos ou raizinhas pretas que se formam na massa da raiz da mandioca.
- Semente\* — (*samente*) — s.f. O mesmo que *rama*. A semente da mandioca propriamente dita não é aproveitada para o plantio, por demorar para produzir e pela pouca produção.
- Tigüera — adj. Diz-se da planta que nasceu espontaneamente, sem ser semeada: *pé tigüera*, *mandioca tigüera*, *milho tigüera*.
- Toco de mandioca\* — s.m. Pedaço da rama que restou no pé e que serve para o lavrador arrancar a mandioca e carregar o pé até as bandeiras.
- Vassourinha branca\*\* (*bassorinha*) — s.f. Variedade de mandioca de folha, rama e raiz esbranquiçadas, nozinhos

FONSECA, M.A.N.P. — Em torno do vocabulário da mandioca: subsídios para o estudo de um campo conceitual. *Alfa*, São Paulo, 27:31-38, 1983.

de rama bem próximos, folhas estreitas e miúdas, muito apreciada e difundida na região.

Vassourinha preta\*\* (*bassorinha*) — s.f.

Variedade de mandioca escura de talo vermelho, cujo pé é baixo. É usada como alimento para animais. Essa variedade está desaparecendo na região.

FONSECA, M.A.N.P. — A propos du vocabulaire du manioc: contribution pour l'étude d'un champ conceptuel. *Alfa*, São Paulo, 27: 31-38, 1983.

*RÉSUMÉ: Dans cet article, on présente le vocabulaire utilisé par les planteurs, concernant la culture du manioc. C'est le résultat d'une enquête dialectologique faite dans la commune de Cândido Mota, São Paulo, une des plus grandes productrices de manioc du Brésil. Ce vocabulaire se rapporte à la préparation de la terre et des bouts de fût à planter, à la plantation et à la récolte du manioc.*

*UNITERMES: Manioc; vocabulaire; champs conceptuel; dialectologie.*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMARAL, S.T.B. do — Contribuição para um inquérito lingüístico no litoral do Paraná. *Letras*, n.º 5-6: 157-166, 1956.
2. BOLÉO, M. de P. — *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. Lisboa, Revista de Portugal, 1946.
3. BOLÉO, M. de P. — Estudos de lingüística portuguesa e românica. *Actas Universitates Conimbrigensis*, 1: 3 - 93, 1974.
4. BUNSE, H.A.W. — Algumas notas sobre a pesca num trecho do litoral sul brasileiro. *Revista Brasileira de Filologia*, 4: 37 - 73, 1958.
5. BUNSE, H.A.W. — Terminologia da cana-de-açúcar no Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Filologia*, 3: 183-192, dez. 1957.
6. BUNSEN, H.A.W. — *O vinhateiro: estudo etnográfico-lingüístico sobre o colono italiano no R.S.* Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do sul, Instituto Estadual do Livro, 1978.
7. CARVALHO, E. de — O mandiocal. In: FUNDAÇÃO IBGE. *Tipos e aspectos do Brasil*. 9.ed. Rio de Janeiro, Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1970. p. 207-209.
8. CARVALHO, E. de — Fabricante de farinha. In: FUNDAÇÃO IBGE. *Tipos e aspectos do Brasil*. 9.ed. Rio de Janeiro, Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1970. p. 149-151.
9. CASCUDO, L. da C. — A rainha do Brasil. In: \_\_\_\_\_. *História da alimentação do Brasil*. São Paulo, Ed. Nacional, 1967. v.1. p. 93-105.
10. FREIRE, L. — *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.
11. GIESE, W. — El proceso de la canã de azucar en Paraíba. *Revista Brasileira de Filologia*, 2: 1-17, 1956.
12. HAMPÉJS, Z. — Los trabajos de geografía lingüística en los países románticos. *Revista Brasileira de Filologia*, 4: 11-136, 1958.
13. HOLANDA FERREIRA, A.B. de — *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
14. HERING, R. Von — *Dicionário dos animais do Brasil*. São Paulo, Universidade de Brasília, 1968.
15. RODRIGUES, A.N. — *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo, Ática, 1974.
16. ROSSI, N. — A dialetologia. *Alfa*, 11: 89-125, 1967.
17. SOUZA, B. J. de — Vocabulário do carro de boi. *Revista Brasileira de Filologia*, 5: 129-208, 1959/60.
18. TRINDADE, A. M. — O léxico do cavalo. *Letras de Hoje*, (41): 7-39, 1980.
19. VOLPI, G. — *Vocabulário della lingua italiana*. Firenze, Barbra, 1945.